

UMA QUESTÃO DE ESTILO: AS SINGULARIDADES DO GÊNERO VIDEOAULA YOUTUBIANA DE ESCRITA/REDAÇÃO CIENTÍFICA

Simone Cristina MUSSIO¹

RESUMO

Hoje, devido à globalização instaurada em todo o mundo, propiciada pela revolução tecnológica informacional, o comportamento da sociedade contemporânea mudou. Através da universalização do acesso a meios de comunicação, novas ferramentas geradas pela informática passaram a exercer enorme influência nas pessoas, e a internet assumiu sua face mais visível neste contexto, situando-se em uma posição de destaque e tornando-se uma importante ferramenta para a transformação e difusão de distintos e infundáveis gêneros discursivos. Por esse motivo, este trabalho, pautado em uma análise bakhtiniana do discurso, tenciona observar como se materializam as formas de constituição estilística do gênero videoaula youtubiana de escrita/redação científica, o qual, devido à sua ancoragem neste novo paradigma informacional-tecnológico-científico, transforma-se em um produto social, desuniforme e suscetível a mudanças. Logo, pautando-nos nesse contexto, buscamos compreender como as videoaulas analisadas possuem um estilo que se associa à própria temática de suas aulas, de modo que o fazer científico nelas presente passa a direcionar até a forma composicional das videoaulas, as quais têm como objetivo a disseminação da escrita/redação científica. Através da análise de tais videoaulas, buscamos averiguar, também, como estas se ressignificam com o objetivo de se amoldarem aos novos tempos e situações e, por existirem novos propósitos, ampliam-se à medida que a esfera de circulação se complexifica. Assim, podemos notar que as videoaulas de escrita/redação científica youtubianas apropriam-se dessas novas características educacionais, decorrentes do desenvolvimento tecnológico, de modo a ampliarem e desenvolverem os gêneros de forma significativa.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros do discurso; estilo; videoaula youtubiana; escrita/redação científica.

¹ UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, *campus* Araraquara. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1, Bairro: Machados Araraquara-SP, Brasil. CEP 14800-901. FATEC JAHU, Docente titular na Faculdade de Tecnologia de Jahu. R. Frei Galvão, s/n - Jd. Pedro Ometto. Jaú-SP, Brasil. CEP 17212-599 – E-mail: simussio@yahoo.com.br

1. Introdução

Como os processos virtuais e convergentes das linguagens, propiciados pelo moderno meio digital da internet, operacionalizam forças que se atualizam e se sintetizam em mudanças nos sistemas de ensino-aprendizagem no mundo contemporâneo, intercambiando-se, assim, em novos espaços e artefatos educacionais e comunicacionais, podemos claramente observar como as diferentes esferas da atividade humana estão ligadas ao uso da linguagem (Bakhtin, 1997). Haja vista que o caráter e as formas das linguagens, consoante Bakhtin e seu Círculo, são intensamente multiformes, bem como as esferas que os sustentam, apropriamo-nos da teoria dialógica do discurso com o objetivo de perceber como o ciberespaço, em específico as videoaulas de escrita/redação científica inseridas no *YouTube*, está povoado por uma multiplicidade de linguagens, vozes e ideologias, as quais participam da construção de sentido deste atual gênero digital.

As construções, interações e recriações presentes neste gênero virtual contemporâneo comportam um encontro de inúmeras vozes que mantêm relações de controle, compreensão, negociação com novas formas de ensino-aprendizagem, as quais visam não apenas à disseminação de conteúdos, mas a finalidades outras (comerciais, promocionais, etc.). Desse modo, foi pensando no gênero videoaula que observamos como o conceito de aula, em decorrência das inúmeras inovações tecnológicas existentes no mundo atual, vem sofrendo distintas alterações no decorrer do tempo, de modo a possibilitar novos modos informais de aprendizagem e de divulgação de conteúdos. Em razão desse fenômeno, o que pretendemos com o trabalho é adentrar neste universo web-audiovisual, com o intuito de compreender como se constituem as videoaulas de escrita/redação científica tendo em vista a ascensão da web 2.0 em propiciar fartas possibilidades de interação em ambiente virtual.

Logo, objetivamos perceber como se dá a constituição do gênero videoaula youtubiano, a partir dos cursos selecionados sobre escrita/redação, “Escrita Científica: Artigos de Alto Impacto” e “Curso Lógico de Redação Científica”, de modo a perceber como ocorrem as negociações de sentido presentes neste tipo de produção web-audiovisual. Assim, desejamos compreender como tais videoaulas têm um estilo que se associa com a própria temática de tais aulas, sendo esta uma de suas principais especificidades. Como o fazer científico passa a nortear até a forma de composição e organização das videoaulas ao se ensinar a escrever/redigir cientificamente, podemos

observar como o próprio gênero se atualiza neste acontecimento. Todavia, para essa finalidade, faz-se necessário também frisar a relevância dos aspectos que envolvem tais aulas no ciberespaço, mais precisamente no *site* de compartilhamento de vídeos do *YouTube*, já que este funciona como um meio tecnológico para o objeto desta nossa investigação.

2. Reverberações do gênero aula: A videoaula youtubiana

Na atualidade, em razão da supremacia dos meios tecnológicos na sociedade contemporânea, um “novo” domínio discursivo tem sido originado, possibilitando, assim, a emergência de inúmeros gêneros discursivos no meio virtual em consonância com outros já estabilizados e legitimados socialmente, como é caso das aulas transformando-se em videoaulas. De fato, este tipo de gênero responde, e muito, às novas demandas sociais, que, aliadas ao fluxo cultural de uma sociedade, tendem a se materializar em também novas práticas educativas, interativas e mercadológicas.

A videoaula marca sua atividade enquanto aula ministrada por meio de vídeo, contudo há ainda outras diferenças a serem assinaladas, principalmente no que concerne às aulas presenciais e às videoaulas poderem ser compreendidas como gêneros diversos.

Em termos discursivos, de acordo com as palavras de Camargo *et al.* (2011:9),

(...) na aula presencial o professor poderá moldar seu texto em relação ao ambiente e ao público presente (...). O professor, nesse caso, não pode apagar o que diz e é levado pela dinâmica da sua própria fala, utilizando recursos da linguagem como modalizações, fórmulas fáticas e da linguagem própria do ambiente (no caso de a sala possuir ou não lousa, projetor de slides, etc.). (...) Na videoaula a linguagem é mais objetiva, sem muitas reformulações, mesmo porque ela pode ser gravada a partir de um roteiro. Além disso, durante a gravação, se o professor erra algo em sua fala, a edição do vídeo pode excluir esse erro. A linguagem se apoia em um sistema de referência intradiscursivo, sendo autossuficiente, uma vez que o ambiente não é partilhado e o discurso será “preso” dentro da gravação. A videoaula também faz usos de outros recursos possíveis, assim como na aula presencial, mas que são próprios do seu tipo de *mídiun*.

De acordo com Bakhtin (1997) e seu Círculo, os gêneros do discurso estão fortemente condicionados a diferentes esferas de atividade humana, logo são

inesgotáveis. Da mesma forma, os gêneros passam por adaptações e ampliações à medida que o campo no qual emergem também se modifica. Assim, o enunciado refere-se à “*unidade real da comunicação verbal*” (Bakhtin, 1997:287, grifos do autor) e é demarcado por alternâncias na tomada da fala pelos falantes. Desse modo, não se pode preferir que o enunciado é uma unidade demarcada somente por convenção, ou delimitação teórica, mas trata-se de um elemento real a ser captado nos discursos de sujeitos envolvidos em diversas atividades humanas. O instante de transmissão da fala ao outro entabula, para o filósofo, limites precisos (Bakhtin, 1997), no que concerne à delimitação dos enunciados. Nessa perspectiva, tomando como base essa questão do gênero trazida por Bakhtin e seu Círculo, na caracterização de uma videoaula, é sempre importante observar a qual suporte este gênero está vinculado.

Com o objetivo de analisar o estudo sobre a escrita/redação científica através de videoaulas enquanto gênero do discurso, partimos da concepção de que os gêneros são entidades “relativamente estáveis” e relacionados a uma esfera de atuação humana. Dessa forma, as videoaulas têm lugar nos sistemas de ensino a distância, como uma das ferramentas dessa metodologia de aprendizagem, todavia, adquirem significados diferentes quando atreladas a outro suporte.

As linguagens híbridas dessas mídias são expressas em gêneros, que são transformados, uma vez que seus suportes se modificam e geram novas práticas interativas de letramento. Em razão disso, é importante que observemos os aspectos da produção e veiculação de videoaulas sobre escrita/redação científica e sua relação com a plataforma a que estão vinculadas (o *YouTube*) para além do meramente técnico, entendendo este gênero digital como o conjunto de elementos linguísticos e visuais, dotado de um sentido completo que possibilita sua compreensão como um todo e que, através de suas múltiplas linguagens, é composto ao mesmo tempo por imagens, sons, grafismos, bem como pela própria escrita.

A proposta é pensar que este tipo de gênero traz técnicas e práticas sociais atreladas a um suporte para o qual é preciso aprendizagem para o seu manuseio. A produção de sentidos inerente às videoaulas youtubianas além de depender da seleção tática dos diferentes elementos linguísticos verbalizados e inseridos em cada aula, também se limita às questões extraverbais postas em cena por daquele que as ministra (“professor-apresentador”). A enunciação passa a ser então definida pela situação social imediata e pelo meio social, sendo organizada, no que diz respeito ao seu conteúdo e significação, “fora do indivíduo pelas condições extraorgânicas do meio social”

(Bakhtin/Voloshinov, 2006:124). Ela é um produto da interação social, por isso, o sentido do enunciado é também engendrado pelas condições reais da enunciação e distribui-se entre as diversas vozes que habitam o tecido da linguagem. Estabelece-se, pois, um relacionamento dialógico de sentidos entre enunciados confrontados, uma vez que as relações dialógicas são relações semânticas entre todos os enunciados na comunicação verbal (Bakhtin, 1997).

3. Gêneros do discurso na contemporaneidade

Como o meio propicia o surgimento de distintos gêneros e consolida a importância dada às esferas de atividades, vemos como o estudo dos gêneros discursivos se faz cada vez mais presente na contemporaneidade, uma vez que considera, sobretudo, “a natureza do enunciado” em sua diversidade e nos diferentes campos de atividade comunicacional.

A totalidade artística de qualquer tipo, isto é, de qualquer gênero, orienta-se na realidade de forma dupla, e as particularidades dessa dupla orientação determinam o tipo dessa totalidade, isto é, seu gênero. Em primeiro lugar, a obra se orienta para os ouvintes e os receptores, e para determinadas condições de realização e percepção. Em segundo lugar, a obra está orientada na vida, como se diz, de dentro, por meio de seu conteúdo temático. A seu modo, cada gênero está tematicamente para a vida, para seus acontecimentos, problemas, e assim por diante. (...) Cada gênero é capaz de dominar somente determinados aspectos da realidade, ele possui princípios de seleção, determinadas formas de visão e de compreensão dessa realidade, certos graus na extensão de sua apreensão e na profundidade de penetração nela (Medviédev, 2012:195-196).

Logo, é válido lembrar que o gênero nunca é em si mesmo, por essa razão não pode ser abstraído da esfera que o cria e usa, como também de suas coordenadas de tempo-espço e das relações entre os interlocutores. Grillo (2010) ressalta que as esferas estão ligadas ao destinatário, e há destinatários presumidos para cada gênero, além de formas de atividades responsivas que são ligadas à determinada esfera; assim afirma:

A interação se dá entre indivíduos organizados socialmente, o que coloca em jogo condições sócio-históricas de duas ordens. Primeira, a situação social mais imediata, cujos componentes, descritos em trabalho anterior, são o horizonte social comum aos co-enunciadores (unidade do lugar visível), o conhecimento e a compreensão da situação, compartilhados pelos co-enunciadores, e a avaliação que eles fazem dessa situação. Segunda, o meio social mais amplo, definido, por um lado, pelas especificidades de cada esfera de produção ideológica (ciência, literatura, jornalismo, religião, etc.) e, por outro, por um certo “horizonte social” de temas recorrentes, em razão da onipresença social da linguagem verbal e da relação que as esferas ideológicas estabelecem com a ideologia do cotidiano (Grillo, 2010:138).

Ancorada nos postulados bakhtinianos, a autora ainda acrescenta o fato de que por meio do “horizonte ideológico de cada época, há um centro valorativo em direção ao qual todos os caminhos e aspirações da atividade ideológica levam” (Bakhtin apud Grillo, 2010:138). Dessa maneira, os gêneros sofrem alterações em decorrência do momento histórico ao qual estão inseridos. Cada situação social engendra um gênero, com suas características que lhe são peculiares. Ao observarmos a infinidade de situações comunicativas e que cada uma delas só é possível graças à utilização da língua, podemos perceber que infinitos também serão os gêneros, existindo em número ilimitado. Por isso, o Círculo cinge a formação de novos gêneros ao aparecimento de novas esferas de atividade humana, com finalidades discursivas próprias.

De acordo com a teoria na qual nos debruçamos, cada esfera social detém diversos textos segundo as atividades da comunicação humana. Logo, ao circularmos pelas diferentes esferas sociais das atividades humanas, lançamos mão de inúmeros gêneros do discurso, os quais promovem a prática social daqueles que estão nelas envolvidos como meio de legitimação das relações sociais. Vê-se, assim, que o ser humano, seja em qualquer uma de suas atividades, usufrui da língua e, segundo o interesse, intencionalidade e finalidade específica de cada atividade, realiza enunciados linguísticos de maneiras diversas.

Com relação às esferas de atividade humana (esferas sociais de comunicação ou também chamadas esferas comunicativas) estas são heterogêneas e cada uma delas possibilita condições comunicativas específicas para o atendimento das necessidades do ser humano de expressar-se. Entretanto, cabe lembrar que as esferas referidas caracterizam-se como formas de organização e distribuição dos diversos papéis e lugares sociais presentes nas situações e instituições em que se elaboram os discursos.

Desse modo, as condições comunicativas das esferas sociais (acadêmica, ideológica, oficial, cotidiana, científica, etc.) propiciam seus “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1997:279), denominados, assim, gêneros do discurso ou discursivos, os quais materializam a língua, a qual está vinculada à vida. Logo, os gêneros situam-se entre língua e a vida.

Os gêneros dos discursos fazem-se então presentes em todos os atos comunicativos realizados por meio da fala ou escrita e a utilização da língua se dá através de enunciados pertencentes a uma esfera da atividade humana, refletindo os objetivos comunicativos dessas esferas, sendo os gêneros elaborados de acordo com as formas como os enunciados são utilizados. Estando os gêneros no dia a dia dos sujeitos falantes, os quais detêm um infindável repertório de gêneros, podemos observar que até nos discursos mais informais, por exemplo, o discurso sempre é moldado pelos gêneros, os quais podem sofrer modificações de acordo com a finalidade a que foram utilizados.

Em razão do desenvolvimento das sociedades e da influência de outras culturas, ou mesmo diante de tantos outros fatores com que a língua possui relação direta, como o próprio passar do tempo, de épocas e costumes, podemos observar como as mudanças históricas dos estilos da língua são indissociáveis das mudanças que se efetuam nos gêneros do discurso. Por esse motivo, os enunciados e o tipo a que pertencem, ou seja, os gêneros do discurso, são meios de transmissão que levam a história da sociedade à história da língua, sendo as alterações presentes nos gêneros inevitáveis, pois como estes estão relacionados às práticas sociais, quaisquer mudanças na vida social implicam mudanças nos gêneros. Assim, através das palavras de Bakhtin (1997), percebemos que os gêneros se ressignificam para se amoldarem aos novos tempos e situações e, por existirem novos propósitos, ampliam-se à medida que a esfera vai se tornando mais complexa.

Podemos observar que se cada indivíduo enuncia a partir de uma dada esfera de atividade, o seu discurso será demarcado por esta esfera, ou seja, o discurso proferido estará em conformidade com as pretensões e finalidades específicas deste meio, logo, a variedade dos gêneros é infinita. Nesse sentido, cabe lembrar também que a constituição de um gênero ocorre em um determinado tempo e espaço, de forma que as mudanças sempre ocorrerão, uma vez que as esferas alteram-se para cada contexto sócio-histórico. Dessa forma, podemos dizer que os gêneros são meios para entender o mundo atual e, uma vez que estão ligados à realidade, é por meio deles que podemos observar a disseminação dos discursos e da própria ideologia.

Tendo em vista as videoaulas de escrita/redação científica, percebemos como estas são produzidas de acordo com o contexto em que elas estão inseridas, assim como de acordo com a temática e ideologia por elas difundidas. Ao analisarmos este gênero discursivo, presente em sites de plataforma de compartilhamento de vídeos, como é o caso do *YouTube*, podemos perceber como sua própria construção composicional é claramente baseada por sua composição temática, de forma a adotar determinado estilo de enunciar-se.

4. O estilo atravessado pelo tema

Chamamos *estilo* a *unidade* constituída pelos procedimentos empregados para dar forma e acabamento ao herói e ao seu mundo e pelos recursos, determinados por esses procedimentos, empregados para elaborar e adaptar (para superar de modo imanente) um material. Qual é a relação existente entre o estilo e o autor em sua individualidade? Qual é a relação do estilo com o conteúdo, ou seja, com o mundo dos outros, objeto de acabamento? (BAKHTIN, 1997:215, grifo do autor).

Se Bakhtin, na literatura, considerava o estilo como um recurso para promover o acabamento e se se questionava sobre as possíveis relações existentes entre este conceito e a individualidade de quem o produz, bem como sobre o conteúdo a ser tecido, buscamos analisar a forma composicional das videoaulas de escrita/redação científica tendo em vista como o estilo de tais enunciados atravessa o tema da própria cientificidade de maneira a constituir-se de acordo com o contexto e os valores socioculturais e históricos.

Como o estilo é uma palavra utilizada indistintamente em várias situações enunciativas, alguns autores situados em distintas vertentes teóricas, como Irvine (2001), na Linguística antropológica, ou Coupland (2001, 2007), na Sociolinguística interacional, acreditam ser importante observar essa generalidade adotada por esse conceito como uma forma de promoção de sentidos na linguagem.

Os autores acima citados veem o estilo como uma noção de natureza multidimensional. No entanto, enquanto Coupland o enxerga como dotado de uma natureza estratégica, Irvine (2001) salienta que o estilo é uma categoria dirigida pelos mesmos princípios na vida como na linguagem. É marcado, portanto, pela iconicidade,

distintividade, apagamento e recursividade², o que significa que o estilo é constatado em relação a um quadro de referências reconhecido e publicamente compartilhado. Assim, o estilo não abarca somente a dimensão linguística, mas as dimensões de natureza social, histórica, discursiva e intersubjetiva.

Coupland (2007), citando Weber (1996), o qual se aproxima muito de uma perspectiva sociocognitivo-interacional da linguagem, discorre que o estilo não pode ser cavado nos textos como aparece nas operações arqueológicas, contudo, precisa ser entendido como um potencial que é atualizado na mente do leitor real como um “produto de uma interação dialógica que se dá simultaneamente entre autor, contexto de produção, texto, leitor e contexto de recepção, contextos estes em que está incluída toda uma sorte de fatores sócio-históricos, culturais e intertextuais” (Weber, 1996 apud Coupland, 2007:178).

É nesse sentido, ou seja, através de tais valores ancorados em uma realidade material, que tais discursos dialogam com o posicionamento teórico do Círculo de Bakhtin ao retratar que:

A escrita (a relação do autor com a língua e a utilização da língua que ela implica) é o reflexo impresso no dado do material por seu estilo artístico (sua relação com a vida e com o mundo da vida e, condicionado por essa relação, sua elaboração do homem e do seu mundo); o estilo artístico não trabalha com as palavras, mas com os componentes do mundo, com os valores do mundo e da vida; podemos defini-lo como o conjunto dos procedimentos de formação e de acabamento do homem e do seu mundo, e esse estilo determina também a relação com o material, com a palavra, cuja natureza deve, naturalmente, ser conhecida para se compreender essa própria relação (BAKHTIN, 1997:208-209).

Da mesma maneira em que o estilo artístico se constitui dos componentes mundanos, dos valores sociais, como forma de promover o acabamento linguístico, a produção das videoaulas de escrita/redação científica também se envereda neste

² Tais itens foram mencionados, pois podem ser interpretados à luz da teoria bakhtiniana, a qual vê a iconicidade como as escolhas operadas por um sujeito enunciador sendo sempre axiologicamente motivadas, logo, são icônicas e possuem um caráter sógnico; a distintividade como um caráter distintivo dos enunciados concretos, possibilitando, assim, o estabelecimento de distintas conexões com o contexto extraverbal; e a recursividade como um modo de deslocamento de um gênero a outro, como, a título de ilustração, pode-se mencionar a aula de escrita/redação científica que ao ultrapassar os limites da esfera pedagógica lança-se a uma esfera midiática, provocando alterações no gênero e promovendo diversas produções de sentido.

procedimento uma vez que permite que o seu estilo seja atravessado pelo próprio conteúdo temático das aulas em questão.

Tendo a posição do sujeito enunciador como um dos aspectos centrais das videoaulas de escrita/redação científica a serem analisadas, a voz representada pelo “professor-apresentador”, frente a outras vozes que ecoam tanto na esfera acadêmico-científica, como na esfera midiática, reverbera posicionamentos enunciativos ancorados nos modos de dizer do próprio projeto de dizer estipulado pelas ciências ditas *hard*.

A negociação que estabelece o gênero (videoaula) com a escrita/redação científica determina aspectos centrais que devem ser enunciados nesta apresentação de aula em vídeo. Por exemplo, o sujeito enunciador, o “professor-apresentador” das videoaulas, necessita legitimar sua voz tanto dentro da comunidade científica a que pertence, a área das ciências empíricas, apresentando-se como cientista pesquisador neste campo do saber, de maneira que até o seu próprio discurso, materializado nos conteúdos e gráficos apresentados durante as aulas, apresenta-se verbo-visualmente imbuído de objetividade, a qual pode ser vista na sua forma de falar, de explicar ou de apresentar os conteúdos. Da mesma forma, pode-se perceber a presença de um locutor que se posiciona como um sujeito enunciador crível de confiança e credibilidade ao apresentar suas credenciais, sua trajetória profissional, suas funções perante a sociedade.

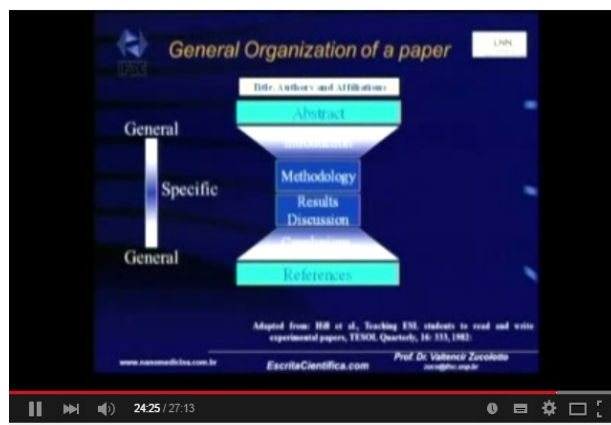
Trava, pois, um diálogo com distintas formas de apresentação que os “professores-apresentadores” das videoaulas querem passar de si. Para isso, constroem uma voz de poder, que, ao expor sua posição, estabelece inter-relações dialógicas, por meio de um ato responsivo que se legitima devido às informações por eles apresentadas. Essa voz passa então a utilizar recursos de valoração, compromisso e seriedade para se sobrepôr a outras vozes que podem querer calar sua enunciação.

Ao observar as videoaulas sobre escrita/redação científica é necessário levarmos em consideração as estratégias estilísticas, já retratadas por Weber (apud Coupland, 2007), bem como pelo próprio Bakhtin, as quais buscam evidenciar as possibilidades de se operar as vozes sociais (vozes da vida) no cumprimento dos projetos de dizer de cada videoaula.

A vida, materializada no próprio *ethos* científico, concebido pela sociedade ao longo do tempo, emerge e evidencia-se nas/das práticas de linguagem e, como defende Irvine, suas manifestações não devem ser ignoradas. Se observarmos como se dá o efeito de objetivação e racionalidade entre a construção composicional das videoaulas, tendo em vista o tema proposto, isto é, a escrita/redação científica, vemos como a

estratégia discursiva presente na composição deste enunciado é moldada segundo a voz do modelo de conhecimento subjacente à ciência moderna. Vejamos tais imagens:

Figura 1: Construção composicional das videoaulas de Escrita Científica



Módulo 01 - "O Gênero Literário" - Curso de Escrita Científica

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=CZR0ptpPaR0&index=2&list=PL3yYSVIdSmKk-79Gn240Pr3NUNe8Os0S0>

Figura 2: Construção composicional das videoaulas de Redação Científica



AULA 2 - BASES DO MÉTODO LÓGICO PARA REDAÇÃO CIENTÍFICA.wmv

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=e968B1PwIbs&index=3&list=PL3yYSVIdSmKk-79Gn240Pr3NUNe8Os0S0>

Através dos *layouts* de cada videoaula apresentados, vemos como o assunto sobre a escrita/redação científica promove formas de dizer objetivadas. Na primeira imagem, do curso de “Escrita Científica: Produção de Artigos de Alto Impacto”, notamos como a explicação sobre as partes que compõem a estrutura de artigo

científico, supostamente o próprio trajeto da escrita científica, é moldada sobre um modo de dizer típico das Naturais e Exatas (Empíricas).

Vê-se a presença de figuras geométricas (em forma de blocos) distribuídas em compartimentos que demarcam as seções de um artigo. Nota-se, assim, como a aprendizagem do próprio ato de escrever cientificamente é posta através de tais figuras que remontam a saberes distintos: a percepção do desenho e o conceito matemático, ancorados na exatidão e figuratividade.

Observando a segunda videoaula, faz-se claro também o uso de gráficos como uma tentativa de se expressar visualmente dados ou valores numéricos, de maneiras diferentes, de modo a facilitar a compreensão das informações de maneira mais rápida e objetiva.

Advindo do termo grego *graphikós*, o gráfico foi criado por Descartes para desenhar um raciocínio (uma função). Sobre o raciocínio matemático, sobre a função matemática, que seria possível a criação de um "Plano Cartesiano", materializado em um gráfico, como um novo jeito de avaliar as curvas existentes na natureza. Assim, tal é a influência deste estilo científico, ancorado na temática da videoaula, que a própria construção da redação científica também é condicionada a esse modo de expressar-se.

Como o discurso científico é marcado pela não vinculação do discurso à subjetividade do enunciador, a busca da adesão do destinatário se dá por meio da vinculação do discurso a materialidades objetivas próprias do fazer ciência, pois conforme Merton (1964:543), o *ethos* da ciência é "o complexo de valores e normas efetivamente temperadas que se consideram obrigatórios para o homem de ciência". Logo, essas normas baseiam-se em "prescrições, proscricções, preferências e autorizações", transmitidas "pelo preceito e o exemplo", corroboradas por sanções e interiorizadas "em grau variável" pelos cientistas, passando a constituir a sua "consciência científica" (Ibidem). Assim, o *ethos* da ciência tem como função promover a ampliação dos conhecimentos comprovados, identificados pelas "predições empiricamente confirmadas e logicamente coerentes" (Merton, 1964:544).

Nesse cenário, compreendido por videoaulas ligadas a entidades institucionais, promovidas por instituições renomadas como USP (curso de escrita científica) e UNESP (curso de redação científica), não se pode deixar de considerar também a situação histórica que gera a enunciação em atitude responsiva, ou seja, o momento atual em que o *ethos* que se espera das videoaulas sobre escrita/redação científica (o *ethos* da própria ciência) subjaz aos condicionamentos presentes nas ciências empíricas,

os quais dirigem os projetos de dizer de seus próprios “professores-apresentadores”. Nesse sentido, pode-se dizer que o uso de imagens e gráficos, característicos do campo das ciências *hard*, aciona uma porção de mundo compartilhada pela própria sociedade, de maneira a ditar as formas de ensino da própria escrita/redação científica, bem como da própria produção das videoaulas.

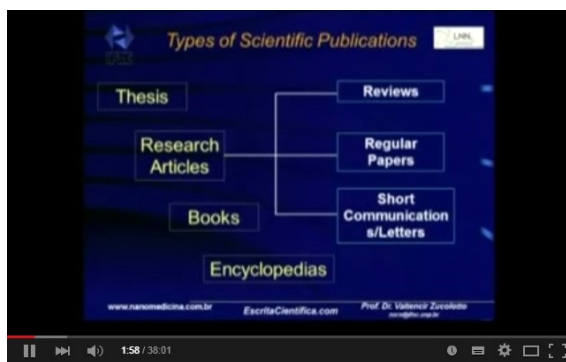
O estilo breve e conciso de se escrever/redigir cientificamente influencia o estilo de produzir videoaulas sobre esta vertente, de maneira a reproduzi-las de acordo com sua própria estilização e acabamentos, influenciando não apenas a formulação dos conteúdos, mas os próprios cenários, as vestimentas, etc. que compõem a construção composicional deste tipo de “enunciado digital-áudio-verbo-visual”.

O estilo como imagem unificada e concluída da exterioridade do mundo: a combinação do homem exterior, de seu traje, de suas maneiras com o seu ambiente de vida. A visão do mundo estrutura o ato (do interior, tudo pode ser compreendido como ato), assegura unidade ao escopo ativo do sentido que a própria vida persegue, assegura unidade ao que faz com que a vida responda por si mesma, ultrapasse a si mesma, supere a si mesma; o estilo confere unidade à exterioridade do mundo, ao que faz com que ele se reflita fora, volte-se para fora, confere unidade às fronteiras do mundo (elaboração e combinação das fronteiras). A visão do mundo estrutura e unifica o horizonte do homem, o estilo estrutura e unifica seu ambiente (Bakhtin, 1997:218).

É, portanto, pautado neste viés dialógico, travado com o próprio *ethos* do fazer científico, que podemos observar mais exemplos extraídos das videoaulas analisadas como forma de comprovar o diálogo entre as esferas midiática, científica e pedagógica³ no que tange ao estilo objetivo, racional e cartesiano apresentado nas aulas de escrita/redação científica.

3 Midiática por se perfazer em videoaulas inseridas no *YouTube*, científica por tratar de aspectos da escrita/redação científica e pedagógica por promover-se por meio de aulas e abranger aspectos atrelados ao “ensino” de determinados conteúdos.

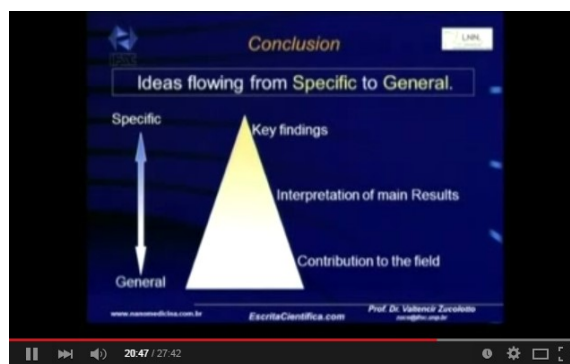
Figura 3: Figuração da objetividade nas videoaulas de Escrita Científica



Módulo 02 - " Títulos, Autores e Abstract" - Curso de Escrita Científica



Módulo 03 - " Introdução" - Curso de Escrita Científica



Módulo 04 - " Resultados, Discussão e Conclusões" - Curso de Escrita Científica

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=e968B1PwIbs&index=3&list=PL3yYSVIdSmKk-79Gn240Pr3NUNe8Os0S0>, <https://www.youtube.com/watch?v=e968B1PwIbs&list=PL3yYSVIdSmKk-79Gn240Pr3NUNe8Os0S0&index=3> e <https://www.youtube.com/watch?v=awveTSmmIM&index=5&list=PL3yYSVIdSmKk-79Gn240Pr3NUNe8Os0S0>

Ao observarmos as imagens acima, notamos, mais uma vez, através dos organogramas e das figuras geométricas, o estilo matematizador inerente às aulas sobre como se escrever cientificamente. Arelado a esse modo objetivo de construção visual, há também, no próprio discurso do “professor-apresentador” que as apresenta, determinadas composições linguísticas que salientam e retificam essa ubiquidade matematizante não só de se fazer ciência, mas de se ensinar a escrever perante um viés científico. Vejamos⁴:

EC1: “(...) Eu gosto sempre de analisar a seção de introdução de um artigo científico, principalmente pra aqueles que estão iniciando nesse processo de escrita científica, **em uma ótica que eu chamo de três dimensões, não é?** Então eu gosto sempre de me referir a seção de introdução **na dimensão um.**

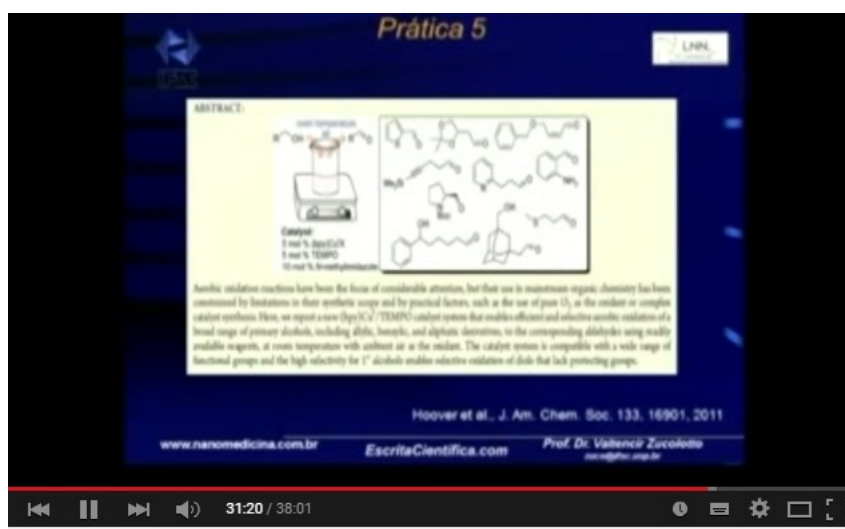
4 As abreviaturas EC e RC se referem respectivamente aos excertos de transcrições retirados dos cursos de “Escrita Científica” e “Redação Científica”.

A questão informação, que tipo de informação deve aparecer em uma boa seção de introdução de um artigo científico. **A segunda dimensão**, não é, se refere ao fluxo dessas informações, com qual tipo de informação eu começo a escrever essa seção de informação e qual tipo de informação deve aparecer no meio e no final numa boa introdução (...). E tem **uma terceira dimensão** muito importante, uma das mais importantes nessa seção de introdução, que é a questão das citações (...). (grifo nosso)

Através desse excerto, podemos notar como o vocábulo “dimensão” aparece constantemente como modo de exemplificar os passos necessários para a composição da introdução de um artigo científico. Considerando-se que tal termo alude à extensão utilizada para medir, avaliar e calcular, vê-se, novamente, como tal caráter lógico e racionalizante opera até em marcas lexicais presentes na constituição do discurso sobre a escrita científica.

Outra questão interessante inserida na apresentação destas videoaulas é o uso de figuras para integrar o *abstract* de artigos científicos de tais áreas empíricas. Além das videoaulas se proporem a ensinar as técnicas de escrita através de desenhos geométricos, tal é a necessidade de se promover a objetivação de conteúdos através de uma comunicação rápida e instantânea que até o resumo de tal gênero, ao integrar o visual em sua constituição verbal, passa também a dialogar com o molde *hard* de se fazer ciência.

Figura 4: *Abstract* verbo-visual



Módulo 02 - "Títulos, Autores e Abstract" - Curso de Escrita Científica

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=e968B1PwIbs&index=3&list=PL3yYSVIdSmKk-79Gn240Pr3NUNe8Os0S0>

Como a imagem comunica de modo mais rápido e, muitas vezes, com mais eficiência, em tempos de velocidade de informação, ela acaba rompendo barreiras de modo a integralizar até seções de determinados gêneros antes povoadas somente pela linguagem verbal, como é o caso do exemplo trazido pela figura acima.

Em razão da imagem, em seus diversos suportes, ter assumido um lugar central na sociedade atual, ela tendo sido cada vez mais solicitada como um recurso discursivo. No mundo científico, além de seu papel icônico ou representativo, ela também passa a ser um meio de comunicação e de sensibilização científica. Desse modo, vejamos como ela se materializa nos exemplos trazidos do curso “Método Lógico para Redação Científica”:

Figura 5: Figuração da objetividade nas videoaulas de Redação Científica



Fonte:

<https://www.youtube.com/watch?v=HGgDI3Bgi2A&list=PL838A236D33BA042E&index=2> e <https://www.youtube.com/watch?v=sztd3m2bgw0&list=PL838A236D33BA042E&index=21>

Aludindo às videoaulas sobre redação científica, vemos também, de maneira explícita, o uso recorrente de formas geométricas para elucidar o ato de se redigir cientificamente. Essa interface visual, composta principalmente por figuras geométricas planas, através de estruturas formais baseadas primordialmente por retas, possibilita ao “aluno-usuário” a compreensão de que os códigos icônicos ali presentes apontam para a relevância das atividades científicas, de maneira clara e objetiva. Já atentando-nos ao âmbito do ensino, tendo em vista as videoaulas de redação científica, as imagens desempenham um papel facilitador na explicação de conceitos e são importantes recursos para a comunicação das ideias científicas, fazendo ecoar, mais uma vez, a voz,

instituída no erigir da ciência moderna, que legitima o conhecimento científico como um saber com base na razão. Assim, as imagens científicas podem funcionar como veículos para um pensamento analítico posto não apenas como forma de divulgação de conteúdos científicos, bem como para o ensino da própria escrita/redação científica.

E tal é essa visão lógica e precisa de ensinar que o próprio “professor-apresentador” compara o ato de compor um texto científico com o encaixar de blocos na sustentação de um discurso ou com a arte de construir um prédio.

RC: “(...) **Todas as partes do trabalho devem vir da lógica da ciência**, deve haver uma coerência. A proposta é a seguinte: **Você está montando dentro de um trabalho, você tá montando pedacinhos**, então você tem um pedacinho, você monta outro, se põe um outro aqui, você vai colocando várias partes dentro do seu texto, **o importante é que os preceitos lógicos que você siga sejam coerentes de forma que nada no texto demonstre alguma incoerência (...)**”. (grifo nosso)

RC: “(...) **O que seria a arte na redação científica? Essa arte na redação científica vai justificar um ponto importante no estilo científico**, no estilo da redação científica. A arte, vocês sabem, se preocupa com a estética, isso é um ponto básico na arte (...) mas existe uma arte na redação, tá? (...). **A arte equivale a construir um prédio**, com as seguintes características: primeiro o prédio tem que ser vistoso, as pessoas têm que olhar pra ele, se não for vistoso ninguém vai ver. Não vai adiantar, vai ficar mais um artigo escondido por aí. Ele tem que ser importante, porque senão não adianta fazer. Fazer um prédio que não é importante é besteira. Fazer um artigo, fazer uma pesquisa que não é importante, melhor não fazer. E a importância pode ser aplicada tecnológica ou apenas acadêmica, não tem problema, mas tem que ter uma relevância. **Ele tem que ser sólido**, que se esse prédio cair por qualquer vento né, vai ser complicado. **Então essa construção que você faz, esse artigo que você faz, ele tem que ser sólido**, num pode ser derrubado. Só que pra deixá-lo sólido, você não precisa colocar um monte de estaca, aí entra a arte. Você tem que colocar só as estacas necessárias. Então **ele tem que ser econômico, embora sólido, econômico, com o menor número de sustentações possível**, porém suficiente para torná-lo sólido (...). Geralmente os nossos textos são barrados na ciência internacional porque o grau de objetividade, de síntese, que eles exigem é alto e nós estamos acostumados a colocar um monte de coisa, faz parte da cultura brasileira falar demais, escrever demais, pôr um monte de coisa, pra dizer um negócio desse tamanho (...). A arte é usar o mínimo possível pra resolver o que tem que

resolver. Essa é arte na redação científica. Isso vem a favor né, de se fazer textos sintéticos porém sólidos (...). (grifo nosso)

Assim, tal postura prática e lógica permeia o discurso de tal “professor-apresentador”, materializando-se em um estilo matemático e objetivo presente na somatória de blocos (visto os ensinamentos da própria Física) ou na construção de prédios sólidos (visto os ditames da engenharia, dos cálculos, etc.) de modo a instaurar um estilo próprio a tais videoaulas decorrente do tema apresentado e dos valores sociais, culturais e ideológicos que se fazem presentes.

É dessa forma que retornamos à posição de Coupland (2007) ao dizer que o estilo deve ser entendido como produto de uma interação dialógica que envolve o locutor, o destinatário, as materialidades discursivas, o contexto de produção, etc. Logo, o estilo pode ser entendido como multidimensional e estratégico, por envolver as instâncias verbo-visuais, contextuais e históricas, culturais e ideológicas de determinado discurso, bem como por promover a emergência de determinadas vozes (as vozes das ciências empíricas) em detrimento de outras, com grande probabilidade de sucesso; mas não com a legítima garantia, já que a linguagem é constitutivamente dialógica.

É nesse contexto que Stam (2000) nos adverte para a importância da noção de dialogismo em Bakhtin, por tratar-se de um conceito multidimensional e interdisciplinar, o qual abarca um universo marcado pelas distintas vozes sociais, assimétricas e impregnadas de ideologia (heteroglossia), vozes essas que ao mesmo tempo em que buscam ressaltar algumas delas, provocando o surgimento de determinados estilos, também marcam o apagamento de outras e, conseqüentemente, outro tipo de produção de sentido.

5. Considerações Finais

Em razão de estarmos vivendo a era do ciberespaço, vemos como essa infraestrutura material de comunicação digital, posta em um universo oceânico de informações, contribui para a disseminação de um conjunto de técnicas, práticas e atitudes que direcionam formas outras de lecionar e divulgar conhecimentos neste ambiente internético.

É, pois, neste ambiente dialógico que se tem a pluralidade dos gêneros discursivos, uma vez que, segundo Bakhtin e seu Círculo, os gêneros do discurso

tendem a crescer à medida que se desenvolvem e se complexificam as esferas da práxis humana. Sendo assim, as videoaulas youtubianas fazem parte de um gênero híbrido, dado que, na rede, o discurso verbal entremeia-se com as formas das imagens fixas e em movimento, com as linguagens sonoras, com o ruído, com a oralidade, com a música, com os gestos, etc. multimidiaticamente.

Ao analisarmos as videoaulas de escrita/redação científicas postadas no *YouTube*, podemos perceber como essa rede de informação e interação, nutrida por recursos semióticos, meios sincréticos (visual, verbal, auditivo, etc.) e hipervínculos é um espaço privilegiado para aqueles que pretendem analisar os significados sociais desta tecnológica ferramenta de trocas comunicacionais do tipo "poste você mesmo".

Tendo em vista que as videoaulas youtubianas de escrita/redação científica são produzidas e postadas no *Youtube*, em decorrência das finalidades singulares de seus enunciadores, pudemos observar como o estilo de tais aulas se molda de acordo com a ideologia de ciência enunciada por seus produtores (“professores-apresentadores”). Desse modo, vemos como a própria escrita/redação é modelada de acordo com o tipo de ciência que se produz, a área do saber a que é pertencente. Logo, escrever/redigir “corretamente”, através de moldes e regras, está atrelado às Ciências ditas Naturais e Exatas, onde, pela sua própria história, tem-se a ideia da produção do fazer científico posta na busca da verdade e, conseqüentemente, materializada em enunciados objetivos e matematizantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. 1997. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich; VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich. 2006. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec.

CAMARGO, Leonardo. D. V. L.; GAROFALO, Simone.; COURA-SOBRINHO, Jerônimo. 2011. Migrações da aula presencial para a videoaula: uma análise da alteração de mídiu. Sorocaba, *Quaestio*, v. 13, n. 2, p. 79-91.

COUPLAND, Nik. 2001. Language, situation, and the relational *self*: theorizing dialect-style in sociolinguistics. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (Eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, p.185 – 210.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. 2010. *Esfera e campo*. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin Outros Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto.

IRVINE, Judith. 2001. *Style as distinctiveness: The culture and ideology of linguistic differentiation*. In: *STYLE AND SOCIOLINGUISTIC VARIATION*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 21-43.

MEDVIÉDEV, Pavel Nikolaevich. 2012. *O método formal nos estudos literários*. São Paulo: Contexto.

MERTON, Robert King. 1964. *Teoría y estructura sociales*. México: FCE.

STAM, Robert. 2000. *Bakhtin – da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo: Ática.

WEBER, Jean Jacques. 1996. *The Stylistics Reader: From Roman Jakobson to the Present*. London: Arnold.